

“O MUNDO NÃO É FORMADO APENAS PELO QUE JÁ EXISTE”: Uma proposição etnicorracial na compreensão do espaço

Mariana Martins de Meireles¹
UNEB/ PPGeduC/ CAPES

Resumo: O presente artigo apresenta considerações a cerca do ensino de Geografia, tomando como centralidade a discussão de conceitos geográficos e a questão etnicorracial na compreensão/organização do espaço. Trata-se de um desdobramento de estudos situados no devir da formação/profissão de professores de Geografia. Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que o estudo, a compreensão e a problematização dessas categorias possibilitam a elaboração do pensamento geográfico crítico capaz de fomentar o pensamento dos alunos, favorecendo sua interação com o espaço e abrindo outras possibilidades de intervenção e superação de discursos hegemônicos historicamente materializados social e espacialmente. Intentamos com este texto possibilitar uma “releitura” dos conteúdos geográficos, buscando mobilizar os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para que repensem suas concepções e suas práticas tendo em vista a imbricação das relações etnicorraciais na produção/organização do espaço geográfico. Não se trata de assegurar a validade de uma única maneira de tratar estas questões no ensino de Geografia, mas de indicar possibilidades práticas e teóricas para isso. De modo que, sua riqueza está na maneira como essas questões, que serão flexibilizadas e enriquecidas através de seus contextos, poderão permitir um melhor tratamento das questões geográficas e etnicorraciais na aprendizagem de conhecimentos geográficos. O texto busca transpor as questões equivocadas e legitimadas historicamente no que se refere ao Continente Africano, as questões etnicorraciais e a construção e conceitos geográficos no ensino de Geografia, sugerindo, portanto outro movimento epistemológico de compreensão espacial e de produção do espaço, propondo, outras maneiras ver o mundo, enxergar o globo e viver a África nossa de cada dia.

Palavras-chave: Conceitos geográficos; Ensino de Geografia; Abordagem etnicorracial.

YÀGÓ²: Para um sobrevôo inicial

*“O mundo não é formado apenas pelo que já existe, mas
também pelo que pode efetivamente existir”
(Milton Santos)*

As palavras iniciais dessa epígrafe nos orientam para a possibilidade de pensar o espaço e construir outras óticas de compreensão de mundo para além do que está posto. Nesse

¹ Licenciada em Geografia (UNEB). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGeduC-UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO/ UNEB). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Bolsista CAPES.

² Palavra de origem africana que significa licença.

sentido, buscamos no presente texto discutir a partir de outros olhares questões relacionadas com ensino de Geografia, a construção de conceitos geográficos e suas relações com a questão etnicorracial. A intenção é cruzar tais questões, historicamente negligenciadas no processo de ensinar e aprender Geografia, para esboçar outras elaborações na compreensão/organização do espaço.

Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que o estudo, a compreensão e a problematização de conceitos geográficos³ implicados com as questões etnicorraciais possibilitam a elaboração do pensamento geográfico crítico capaz de fomentar a criticidade dos alunos, favorecendo sua interação com o espaço e abrindo outras possibilidades de intervenção/superação de discursos hegemônicos materializados social e espacialmente.

Desse modo, compreendemos que o ensino reflexivo de Geografia pode criar subsídios para a desconstrução de estereótipos negativos, historicamente atribuídos aos negros e aos seus espaços, conduzindo os alunos para o entendimento das complexidades das diversas visões de mundo e auxiliando-os em suas percepções e formação de pensamento crítico em relação às desigualdades raciais e as segregações sócio-espaciais, implicando em sua maneira de posicionar-se e enxergar o mundo.

Buscamos com este texto possibilitar uma “releitura” dos conceitos/conteúdos geográficos para os envolvidos no processo de ensinar e aprender Geografia, para que os professores repensem suas concepções e suas práticas tendo em vista a imbricação das relações étnico-raciais na produção/organização do espaço geográfico, não só brasileiro, mas mundial.

O ensino de Geografia e as questões etnicorraciais

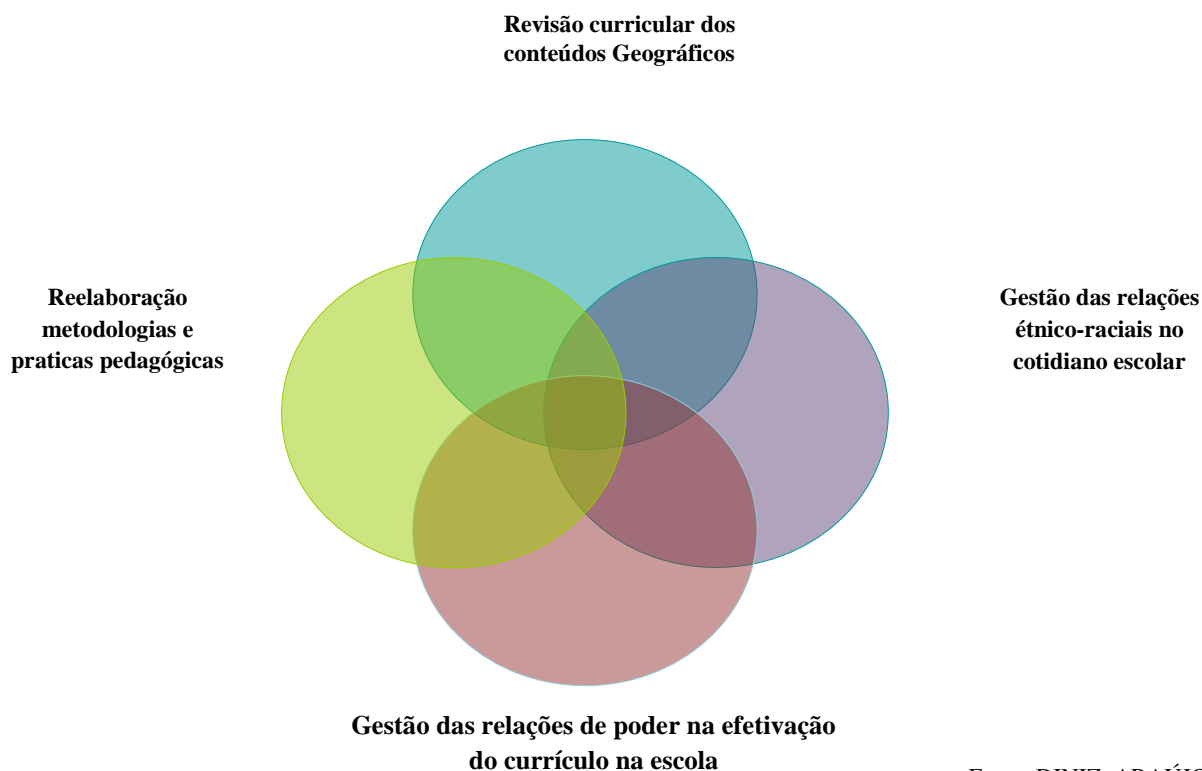
Um olhar mais específico sobre as questões étnico-raciais foi legitimado no campo educacional através da Lei 10.639, que compreende a inserção de conteúdos referentes à História da África e da Cultura Afro-Brasileira no curricular escolar. Tais conteúdos devem perpassar por todos os componentes curriculares, inclusive pelo ensino de Geografia. Entretanto, entendemos que aplicar por aplicar a Lei não tem repercutido satisfatoriamente no cenário educacional/social como objetivou a implementação da Lei 10.639. Por isso, torna-se

³ Espaço, território, região, lugar e paisagem.

necessário nesse contexto pleitear uma postura mais complexa⁴ e crítica perante os conteúdos geográficos, afinal de contas, mais do que implementar a Lei o que a torna significativa é sua efetivação no cotidiano pedagógico de alunos e professores.

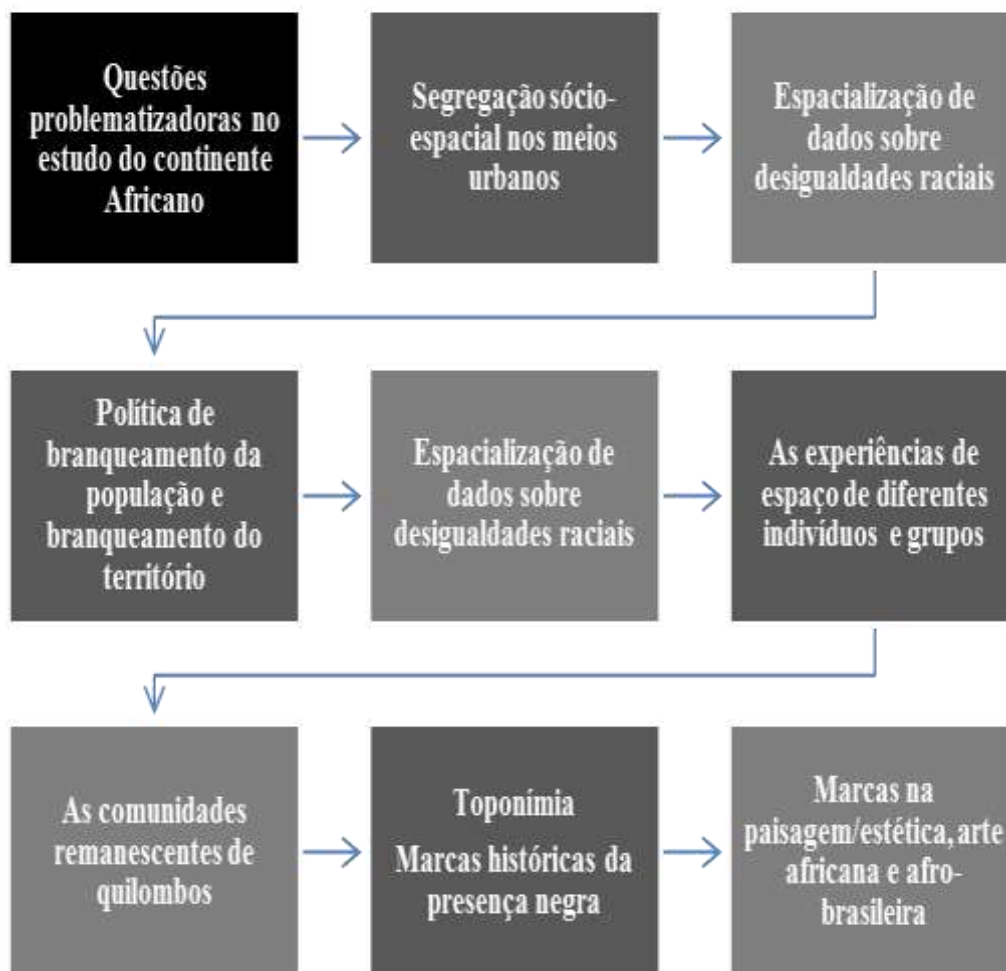
Com a tentativa de contemplar e organizar melhor estas questões elaboramos sistematicamente, a luz de Diniz; Araújo (2010) dois eixos que intentam orientar o trabalho do professor de Geografia. O primeiro eixo corresponde as questões de cunho organizacional e prático do trabalho com Geografia e a sua relações com as questões étnico-raciais. O segundo eixo apresenta uma breve sugestão de estrutura de conteúdos demonstrando possibilidades de conhecimentos geográficos e as questões étnico-raciais, apontando pistas de como poderão ser tratados. Os dois eixos configuram-se, por um lado como um esforço teórico-metodológico, com pertinentes e férteis elaborações no campo do ensino de Geografia e por outro como um esforço epistemológico de conceber tais questões.

Eixo organizacional e prático:



⁴ Baseada na compreensão de complexidade e pensamento complexo de Edgar Morin (1980).
Fonte: DINIZ; ARAÚJO, 2010
Elaboração: Mariana M. de Meireles

Eixo estrutural de conteúdos



Fonte: DINIZ; ARAÚJO, 2010
Elaboração: Mariana M. de Meireles

O silenciamento ou o tratamento inadequado dessas questões é presente no cotidiano escolar, atingindo diretamente os processos de ensinar e aprender Geografia, que arraigados em concepções hegemônicas reforçam a invisibilidade dessas questões, desconsiderando as questões étnico-raciais tão relevantes para a compreensão/produção/ organização do espaço geográfico brasileiro/mundial.

A nossa pretensão com estes esquemas/eixos não é de disponibilizar uma receita infalível ou um roteiro pronto e acabado. Não se trata de assegurar a validade de uma única maneira de tratar estas questões no ensino de Geografia, mas de indicar possibilidades práticas e teóricas para isso. De modo que, sua riqueza está na maneira como essas questões, que serão flexibilizadas e enriquecidas através de seus contextos, poderão permitir um melhor tratamento das questões geográficas e etnicorraciais na aprendizagem de conhecimentos geográficos. É preciso transpor as questões equivocadas e legitimadas historicamente no que se refere ao Continente Africano e as questões etnicorraciais no ensino de Geografia, propondo, portanto um outro movimento epistemológico de compreensão espacial e de produção do espaço, e assim, dar passos na concepção e no modo como se vê o mundo, enxerga o globo e vive a África nossa de cada dia.

Nesse sentido, considerando que as práticas cotidianas são espaciais, que o conhecimento geográfico elaborado sobre suas matrizes é relevante para a vida cotidiana dos alunos, para as decisões que estes tomam diante da vida e do mundo que o cerca. Assim sendo, “compreender o mundo e ser sujeito de sua vida é a condição para viver com dignidade” (CALLAI, 2010, p 16).

Desse modo, a Geografia

[...] enquanto matéria de ensino cria condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço que vive e estuda, e que pode compreender que os fenômenos que ali acontecem são resultado da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos (CALLAI, 2010, p 17).

Com esta responsabilidade social o ensino de Geografia, bem como o professor de Geografia deve ter clareza dessas questões e ser um conhecedor de suas matrizes, para que em suas práticas pedagógicas não reproduza aulas deslocadas dos contextos de seus alunos, que desconsideram suas histórias de vidas e suas origens, reproduzindo simplesmente conteúdos de materiais didáticos e fazendo um trabalho muito burocratizado que, na maior parte das vezes é pedagogicamente precário e não dar conta de contemplar as reais questões que envolvem seus alunos e suas realidades sócio-histórico-culturais.

Nesse sentido, o uso de filmes⁵, pode também subsidiar a prática de professores de Geografia, sobretudo no que se refere a uma abordagem etnico-racial do espaço, desconstruindo estereótipos negativos atribuídos historicamente sobre estas questões. Além dessas obras, outros filmes⁶ podem auxiliar na problematização dessa temática, enriquecendo ainda mais a construção e outras concepções de espaço/mundo pelos alunos.

O entendimento de mundo, construído por parte dos alunos, deve considerar ainda que, a sociedade é concebida no espaço originado das relações sociais de produção. Assim, a concretização da sociedade se dá pelo espaço produzido na sucessão de seus acontecimentos. Esse espaço, que se configura como um “processo de acumulação capitalista gera a categoria dos possuidores e a dos despossuídos e estabelece uma separação espacial entre elas” (VAZZOLER, 2006, p.48).

Essa segregação acarreta outros fatores, como a existência da xenofobia e do racismo, que se materializam no arranjo sócio-espacial. Por isso, devemos buscar romper com esses históricos e nos prepararmos para estabelecer outras relações com um espaço verdadeiramente humano, que “une os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-lo em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhado pelo homem, mas não se volte contra ele” (SANTOS, 2002, p. 41).

Todas as ações humanas materializam-se no espaço acarretando sua distribuição desigual da sociedade. É importante que este espaço não mais desencadeie desigualdades sociais, raciais e econômicas. Desse modo, “esta reconstrução vai sinalizar outra função para os objetos geográficos, que é a de contribuir para a libertação dos homens” (VAZZOLER, 2006, p.48).

Assim, consideramos relevante no ensino de geografia, ao estudar o espaço global, a discussão sobre a segregação racial, de modo que, a questão étnico-racial seja debatida no cotidiano dos alunos, com intervenções que desconstruam estereótipos e reconstruam um novo olhar sobre estas questões, tendo em vista sua relevância nos processos de produção do espaço/mundo. Tais práticas são importantes e plausíveis, uma vez que ainda existe no cenário nacional, certa invisibilidade dessas e outras questões nos livros didáticos e em outros

⁵ Hotel Ruanda; Um Grito de Liberdade; Diamante de Sangue;O Último Rei da Escócia;Em minha terra; Mandela – Luta pela liberdade; Amistad.

⁶ Homo Sapiens; A Negação do Brasil; Malcom X; Pátria perdida: Uma jornada inesquecível a América; Vista Minha Pele; “Crash” – No Limite; Olhos Azuis; Austrália.

materiais didático-pedagógicos utilizados cotidianamente no trabalho de professores de Geografia.

Nessa perspectiva, a aprendizagem de conhecimentos/conceitos geográficos possibilita “um debate sobre uma infinidade de questões, entre elas, as raciais, a partir do objeto de estudo dessa disciplina, que é a produção do espaço, construído por diferentes povos, com todos os seus conflitos e tensões” (VAZZOLER, 2006, p.15). A construção de conceitos espaciais interligados com a realidade vivida tem como finalidade a interação desse espaço com vida das pessoas em seus espaços vividos, fornecendo uma visão crítica sobre ele. Desse modo, “a organização do espaço é, sobretudo, o resultado da estrutura da sociedade, que o torna um retrato vivo dos conflitos sociais que daí decorre” (VAZZOLER, 2006, p.16). A partir desses pressupostos entendemos ser o espaço “a soma da paisagem com a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita com a materialidade” (SANTOS, 1997, p. 73).

Partindo dessa compreensão, a escola deve ser mediadora da discussão sobre a produção desse espaço vivido, onde professores compreendam que os discursos dominantes servem “para invalidar as experiências culturais dos “excluídos” (VAZZOLER, 2006, p.23). Por isso devem possibilitar em suas aulas que os alunos a identifiquem “os mitos, as mentiras e as injustiças no cerne da cultura escolar. Assim, “à medida que os estudantes apreendem o mundo, eles se colocam diante de outros caminhos” (VAZZOLER, 2006, p.23) assumem outras posturas, superam preconceitos, se posicionam, criam autonomia e mediante as situações experienciadas no espaço, reinventam suas vidas, sua maneira de ser e estar no mundo.

Tendo em vista essas questões, o professor de geografia deve levar o aluno a desenvolver habilidades relacionadas às noções espaciais, como avaliar, ponderar, achar soluções, discutir e decidir de forma adequada. Como conviver com a discriminação espacial sem questionar esta imposição da sociedade excludente? Como são produzidos por diferentes sociedades, esses espaços são inevitavelmente desiguais em bases territoriais?

Para Vazzoler (2006), esses questionamentos são evidenciados nas sociedades capitalistas, onde o espaço

[...] apresenta-se bastante fragmentado. Um exemplo dessa fragmentação é a organização desse espaço em várias áreas residenciais segregadas. A ocupação espacial reflete e reproduz as diferenças sócio-raciais, porque define que tipo de

população se concentra dentro de um dado território, isto quer dizer que a localização espacial depende de quanto se pode pagar; assim, numa conjuntura racista, para alguns a opção de ocupar um espaço é quase nula. Os terrenos mal localizados terão preço menor; conseqüentemente, aí serão construídas as habitações inferiores, que serão ocupadas, evidentemente, por trabalhadores de baixa renda, representados, majoritariamente, no Brasil, segundo pesquisas idôneas, pelos negros (VAZZOLER, 2006, p.30).

Como bem sinalizam as considerações desse autor, geralmente os que segregam e oprimem são grupos hegemônicos brancos e ou de classes social elevada. O fato é que, o espaço geográfico contém contradições e diversidades que se apresentam de modo contundente em toda sociedade brasileira, seja no tocante a grupos específicos, seja pela sua localização em determinados lugares, seja pelas pessoas singulares, suas vidas, histórias e contextos.

Por isso na definição do que e como trabalhar com Geografia e, de modo especial, como fazer o trabalho com os conteúdos da Geografia escolar, deve-se levar em conta todas essas questões que sucintamente esboçamos nessa sessão do texto, e para além dessas elaborar meios para amortecer a invisibilidade das mesmas no currículo escolar, no ensino de Geografia e, sobretudo nas relações cotidianas estabelecidas na escola e na sociedade.

Conceitos geográficos e suas possibilidades no ensino de Geografia

Os conceitos geográficos que foram privilegiados no presente texto, apresentam possibilidades de elaboração de um saber sólido e coerente com a busca de justiça social, democracia e igualdade sócio-espacial-racial.

No quadro seguinte intentamos sinalizar como estes conceitos podem ser trabalhados no ensino de Geografia contemplando os significados desses conceitos e as possibilidades teórico-metodológicas no tratamento dos mesmos no que concerne a aprendizagem de conteúdos geográficos e sua relação com as questões étnico-raciais.

Quadro 1: Conceitos geográficos e suas possibilidades

CONCEITO	SIGNIFICADO	POSSIBILIDADES
	É o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a	Permite evidenciar a relação dos homens com a cidadania, pelo

ESPAÇO	superfície Terrestre, sendo uma materialidade social .	domínio dos bens necessários à manutenção da vida
TERRITÓRIO	É o espaço onde se concretiza uma determinada relação social sustentada a partir de certo poder.	Permite evidenciar os conflitos da sociedade nele materializados por meio de uma leitura geográfica que possibilite seu mapeamento e a seguir a construção de novas relações sociais/ raciais
REGIÃO	É o espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, frutos de uma história que teceu relações que enraizaram os homens do território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos espaços contíguos.	Por meio da análise regional, auxilia a compreender a realidade vivida pelos negros, num recorte espacial, defendendo o direito à diferença, contestando a desigualdade.
LUGAR	É o local das interseções, influências, movimentos e inter-relações do conjunto de atividades espaciais.	Possibilita a mediação entre o global e o local por meio de uma leitura crítica do lugar como experiência vivida.
PAISAGEM	É tudo aquilo que vemos. Que nossa visão abarca. É o domínio do visível	Facilita a contextualização das paisagens com o processo de produção e sua apropriação de acordo com o segmento racial.

Fonte: VAZZOLER, 2006

Elaboração: Mariana M. de Meireles

Como sinaliza o quadro, o estudo sobre o **espaço**, como categoria geográfica torna-se pertinente, pois nos ajuda a perceber que essa categoria, além de refletir as diferenças sócio-espaciais-raciais, contraditoriamente também as reproduz. Para contribuir com a redução das disparidades presentes no espaço, é necessário que os alunos conheçam como se dar a produção/organização desse espaço e reivindiquem o que lhes é de direito.

Contudo, é relevante salientar que a apropriação do espaço não virá apenas com a posse dele, é necessário, portanto que se tenha poder sobre ele. A partir dessa compreensão

outro conceito geográfico, o **território** toma forma nesse contexto, associado ao espaço, este por sua vez imprime poder ao mesmo. Nesse sentido, o estudo da Geografia, bem como de seus conceitos pode contribuir significadamente para confrontar a dominação além de possibilitar a relação desses com a cidadania, pelo domínio dos bens necessários à vida nos mais diferentes e diversos recortes espaciais.

A lógica de ocupação do espaço pela população negra em todo o território nacional está associada com o desenvolvimento da economia regional do Brasil colonial, desenhada pelos moldes capitalistas. Tal configuração sócio-espacial “representou uma estratégia de dominação, que, ao distribuir estas pessoas de acordo com as necessidades regionais, criou uma especificidade de escravidão diferenciada dos outros países da América” (VAZZOLER, 2006, p.140).

Essa regionalização sócio-econômica-racial do espaço nos alerta para a importância de estudar outro conceito geográfico, o de **região**, que, associado ao de espaço para conhecimento da realidade negra, permite evidenciar que as atividades humanas, mais especificamente aquelas executadas pelos negros, foram estrategicamente pensada e dispostas no espaço seguindo uma lógica capitalista, hegemônica dominante e perversa com as populações negras. .

A partir da compreensão de outros aportes teóricos de cunho geográfico, é possível pensar em outras questões tomando o conceito de **lugar** para explicar a disposição e ordenação das coisas no espaço geográfico. Como por exemplo, qual é, como é, e porque a população negra ocupa estes espaços no território brasileiro? “São questionamentos que, respondidos, revelam para além da localização, pois este “lugar” permite a contextualização dos aspectos físicos, humanos, econômicos e socioculturais” (VAZZOLER, 2006, p.140).

Nesse sentido, somente os lugares com seus ambientes e habitantes permitem identificar seu verdadeiro significado. Para isso não podemos restringir o entendimento do conceito de lugar somente à localização, pois este, ultrapassa essa delimitação e ocupa centralidade na dimensão da existência humana. “A relação entre o espaço geográfico e a realidade vivida pelos indivíduos irá determinar seu modo de vida e o acesso ou não a bens que definirão, de certa forma, os lugares sociais ocupados” (VAZZOLER, 2006, p.41).

Portanto, o estudo do **lugar** nos possibilita pensar o cotidiano, as situações vividas e o modo como é produzida a existência social dos seres humanos. No lugar são materializados os desafios da existência na procura de trabalho digno, manutenção da vida e de condições

decentes de moradia. Desse modo, o lugar se constitui como “[...] o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente as noções e as realidades de espaço e tempo” (SANTOS, 2002, p. 322).

Nessa perspectiva, “o lugar é o mundo vivido, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos” (CARLOS, 1996, p. 20). O lugar é o palco onde todas as contradições são reveladas. Trata-se de um conceito que transita na coexistência das tarefas comuns, do trabalho, da produção, enfim da vida, abrindo assim, “possibilidades para a realização de ações que podem ser articuladas fora de seu âmbito. Pode ser entendido como a materialização de uma gama de elementos, lógicas e relações” (VAZZOLER, 2006, p.41).

Por esta razão podemos afirmar que, os lugares que os homens ocupam na cidade dizem respeito ao cotidiano desses homens e a seu modo de vida, e revelam para, além disso, a forma como é produzida a condição social dos seres humanos. Assim, o **lugar** que o indivíduo ocupa na sociedade está determinado pelas regras econômicas, do trabalho e do espaço na dimensão sócio-econômica-racial. Nessa lógica torna-se necessário “pensar o lugar a partir também da nossa interação com as pessoas e coisas porque isto significa o nosso estar no mundo a partir do lugar como espaço de existência e coexistência” (SANTOS, 1988, p. 85). A partir dessa compreensão, o lugar abarca outros significados no espaço, sobretudo na escala local, “hoje, entre suas definições, se acrescenta a dimensão da existência, que se apresenta por meio de um cotidiano compartilhado entre as diversas pessoas; é o lugar social” (VAZZOLER, 2006, p.105).

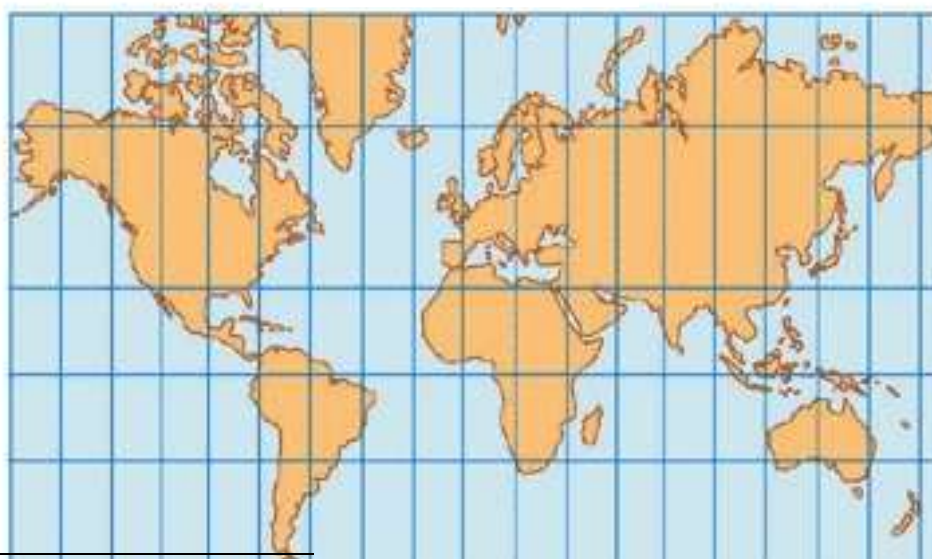
Por fim, apresentamos o conceito de **paisagem**, outro conceito geográfico que traduz as diferenças sócio-econômico-raciais, visto que a mesma encontra-se impregnada de relações humanas e tornando visíveis “os cenários onde moram os pobres, geralmente negros, e os lugares onde residem os ricos, majoritariamente brancos” (VAZZOLER, 2006, p.140).

Para que a **paisagem** seja considerada um dado geográfico ela precisa se analisada levando em consideração as relações sócio-econômico-raciais materializada em seu arranjo. Afinal de contas, estas relações encontram-se tão impressas na paisagem, e na sua maioria são responsáveis pelos arranjos que temos em cada paisagem visualizada. Por isso outras questões estão presentes na análise de uma paisagem. “Por que aquele visual? Que histórias de vida elas evidenciam? Como percebo a paisagem? Que antecedentes eu trago para apreciação/analise de uma paisagem? (VAZZOLER, 2006, p.140).

Esses e outros questionamentos desenvolvidos ao longo desse texto devem ser levados em conta ao ensinar e aprender conteúdos/ conceitos geográficos. Isso porque toda apropriação, dominação e delimitação do espaço levam em consideração questões sócio-econômica-racial. O que intentamos com esta escrita foi problematizar tais questões, tomando como campo empírico a sociedade brasileira, onde historicamente os segmentos raciais ocupam lugares diferenciados, brancos ocupam lugares privilegiados, e negros, lugares não-privilegiados. Diante desse contexto de segregação sócio-espacial-racial, precisamos nos indagar: “Quais as diferenças e semelhanças entre os lugares? Por que negros, em sua grande maioria, ocupam lugares não-privilegiados? Quais são os fatores que determinam tal condição do negro?” (VAZZOLER, 2006, p.105).

Pensando em problematizar ainda mais estas questões, buscamos além dos conceitos geográficos que são férteis no tratamento dessas questões, os mapas, estes são ferramentas indispensáveis na compreensão da realidade/mundo, visto que, são fontes de poder, de delimitação e de segregação sócio-espacial-racial. Os mapas são utilizados pelo Estado e pelas grandes corporações para gerir territórios, localizar fenômenos, desenvolver projetos de reorganização territorial, interferir na distribuição da população e na ocupação de indústrias e equipamentos geográficos, servem, portanto, para pensar, e administrar estrategicamente o espaço. Essa lógica de supremacia espacial consolidada pela Europa no século XVI é refletida no planisfério de Mercator⁷, utilizado até hoje como padrão nos livros didáticos, consolidando assim, essa hegemonia/ideologia

Projeção de Mercator



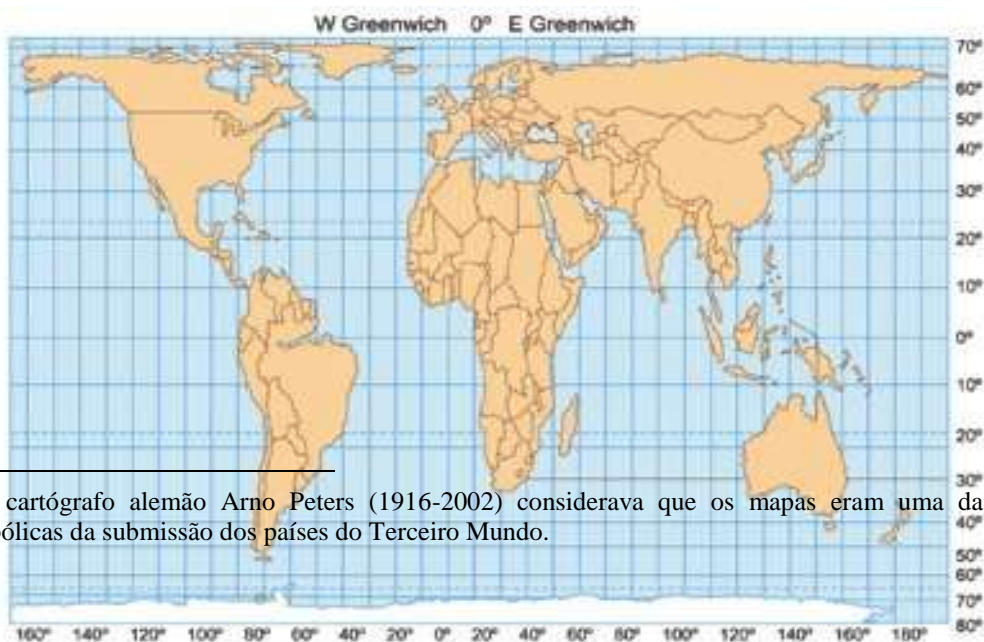
⁷ Gerard Mercator (1512-1594) desenvolveu seu trabalho, durante as grandes navegações do século XIV. Do continente europeu partiram navios para a África, América e Ásia. A projeção é a mais apropriada à navegação marítima e mostra uma visão eurocêntrica do mundo

A técnica de projeção utilizada nesse planisfério é a projeção cilíndrica, que, a partir de um foco de luz localizada no centro do globo, projeta uma imagem que conserva a forma das massas continentais e deforma as áreas relativas dos continentes. Nesta projeção os meridianos e os paralelos são linhas retas que se cortam em ângulos retos. Por isso as regiões polares aparecem muito exageradas.

A finalidade desta projeção é tornar os países que se localizam em maiores latitudes com uma dimensão maior do que a real. Nessa projeção, utilizada frequentemente nas escolas, as terras da Europa são valorizadas e colocadas em evidencia. Em detrimento disso, o território africano e o território sul-americano têm suas dimensões subestimadas, comprometidas e suprimidas. Portanto não há dúvidas que o referido mapa reflete a superioridade da civilização européia.

Diferentemente da projeção de Mercator, o cartógrafo Peters⁸, projetou outro planisfério que espelha “certa” igualdade entre as nações. Esta projeção cilíndrica com equivalência conserva a proporcionalidade de suas dimensões relativas, embora as formas continentais apareçam distorcidas, alongando os continentes.

Projeção de Peters



⁸ O cartógrafo alemão Arno Peters (1916-2002) considerava que os mapas eram uma das manifestações simbólicas da submissão dos países do Terceiro Mundo.

Fonte: educacao.uol.com.br

Como demonstra o mapa, a projeção de Peters valoriza os países subdesenvolvidos, colocando-os em destaque ao representá-los com os seus tamanhos proporcionais. Ele projeta em linguagem cartográfica a idéia de igualdade entre as nações. Na faixa compreendida entre os paralelos 60o Norte e Sul, e acima destes até os pólos, a impressão que temos é de alongamento da Terra.

Peters combateu a imagem de superioridade dos países do Norte representada nos planisférios derivados da projeção de Mercator. Seu pressuposto é de que, todos os países deveriam ser retratados no mapa-múndi de forma fiel a sua área, entretanto com sua projeção o cartógrafo dá destaque aos países subdesenvolvidos. Esta projeção não é mais correta ou menos correta que a de Mercator; apenas contrapõe a imagem de dominação. Este tipo de planisfério foi apresentado quando um grupo de países africanos e asiáticos formou um movimento para mostrar as desigualdades na distribuição da riqueza mundial.

Portanto, toda discussão à luz dos conceitos geográficos, bem como o trabalho com mapas podem evidenciar questões de cunho étnico-racial, articulando-as com o ensino de Geografia, como bem explicitamos no texto. Nesse sentido, urge a necessidade de que os alunos sejam conhecedores críticos dessas questões para que compreendam o lugar que ocupam no mundo/ espaço geográfico e possam com isso buscar a alteridade diante do que está posto.

Wakati⁹ da conclusão

No presente texto evidenciamos que a segregação sócio-espacial-racial é notória no território brasileiro, de modo que, brancos e negros sempre estiveram em lugares/ posições

⁹ Palavra de origem africana que significa hora.

diferenciados. Para subsidiar nossas análises, nos apropriamos dos conceitos Geográficos, bem como de outros conhecimentos pertinentes a ciência Geográfica, o que nos permitiu cruzar ensino de Geografia com questões de cunho étnico-racial, buscando assim, uma abordagem diferenciada para pensar o espaço e suas composições.

De porte dessas questões é importante que o professor, ao planejar suas aulas, considere a relevância do que explicitamos neste texto, e para além deste busque outras leituras para subsidiar seu trabalho, uma vez que, são questões que precisam ser evidenciadas, tendo em vista que foram omitidas/suprimidas historicamente nos livros didáticos, nos discursos e matérias didático-pedagógicos utilizados cotidianamente no ensino Geografia. Caso não leve em conta tais questões em suas aulas, o professor correrá o risco de mediar discussões fragilizadas, não substanciais, omitindo as reais razões para explicar a forma como tudo está organizado e como os lugares são estrategicamente planejados para cada pessoa no mundo. Entender a segregação sócio-espacial-racial pelo qual atravessa a sociedade brasileira é fundamental para a compreensão de outras peculiaridades sociais visivelmente apresentadas, mas não problematizadas no cenário de nosso país, devendo, portanto, ser contempladas cotidianamente nos processos de ensinar a aprender Geografia.

Nesse sentido, o professor, como agente mediador, deve propiciar esse entendimento, perpassando suas análises pelos conceitos/conhecimentos geográficos, possibilitando aos alunos análises mais profundas/ fundamentadas e tornando esses conceitos significativos e com função social na experiência vivida por cada aluno. Afinal de contas, “uma das funções mais importantes da geografia é formar uma consciência espacial e um raciocínio geográfico que permita, de fato, a prática cidadã” (VAZZOLER, 2006, p.85). Um dos caminhos para a consolidação disso é que, os alunos construam conhecimentos, dominem as categorias e conceitos geográficos e, mediante a apropriação dessas aprendizagens tomem decisões com mais autonomia e se posicionem melhor no mundo.

É importante ressaltar, que o presente texto não tem a pretensão de laquear essa discussão, nem tão pouco esgotar suas possibilidades de análise. Mas intenta com esta sucinta discussão torna-se mais uma das possibilidades de entendimento das questões sócio-espacial-racial. E para enriquecer esta discussão, busca através da problematização dos conceitos/conhecimentos geográficos no ensino de Geografia uma abordagem étnico-racial do espaço.

Referencias

- BRASIL. **Lei 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Senado Federal, 2003.
- CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica**. In: MORAIS; MORAES. Formação de professores: Conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Viera, Goiânia – NEPEG, 2010, p. 15-29.
- CARLOS, Ana Fani Alessandro. **O lugar do/no mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DINIZ, Flávio Guimarães; ARAÚJO, Thyago Faria de. **O uso de filmes no ensino de geografia: uma discussão sobre a representação de África**. In anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG, Porto Alegre, 2009.
- MORIN, Edgar. O método. Vol. 2: **a vida da vida**. Título original: La méthode 2: la vie de la vie. Éditions du Seuil. Europa-América, Ltda, 1980.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1988
- VAZZOLER, Leomar dos Santos. **A questão racial no ensino de geografia**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Orientadora Prof^a. Dr^a. Iolanda de Oliveira. Niterói, 2006, p. 149.